

NESTA TERRA DE NINGUÉM,  
EXISTE APENAS UMA PELE  
IN THIS NO MAN'S LAND, THERE IS ONLY ONE SKIN  
EN ESTA TIERRA DE NADIE, SOLO HAY UNA PIEL

Maria Izabel dos Santos Freitas

**LIVRO: HISTÓRIAS DE CAPTURA: INVESTIMENTOS MORTÍFEROS NAS RELAÇÕES MÃE E FILHA**

**AUTOR: ANA CLÁUDIA SANTOS MEIRA**

**SÃO PAULO: BLUCHER, 2021, 356 P.**

A sombria poética encontrada no título e nas palavras introdutórias da obra psicanalítica *Histórias de captura* logo de partida invoca o leitor não só a pensar teoricamente o tema das relações primitivas entre mãe e filha, mas também a reviver mentalmente as suas memórias afetivas infantis, induzindo a compreender a temática – imaginariamente – na “própria pele”. Ocupando o lugar de analista ou analisando, ao lê-lo, é impossível se distanciar totalmente do lugar de filho, já que, como bem refere Ana Cláudia ao longo do texto, todos trazemos uma mãe dentro de nós. Todos nós somos filhos de uma mãe. E, independentemente do destino que enfrentaremos ao sair do útero materno, todos brotamos de uma terra de origem, de um corpo que nos gerou vida.

Há quem tenha a sorte de que a origem não seja o único destino. Ao se desprender do útero, a criança recém-nascida precisará ser investida (organicamente e, como efeito, subjetivamente) pelo corpo da mãe. O seu olhar, voz, cheiro, colo, palavra, seio e abraço de ninar serão fontes reconfortantes de satisfação as quais, nos tempos do narcisismo primário, o bebê sente dentro de si como produções de autoria própria. Mas não, a experiência de prazer na constituição inicial do psiquismo, este tempo que é de pura dependência, passa a existir porque alguém está ali para perceber e cuidar com delicadeza das suas necessidades biológicas.

Entretanto, não é exatamente sobre essa mãe amorosa que Ana Cláudia escreve. A mãe que aparece no discurso das analisandas da escritora, intitulada de objeto dos *investimentos mortíferos*, é uma mãe que faz de si terra única para a filha sobreviver. Terra de ninguém e sem ninguém, onde a filha é privada de crescer e existir em liberdade – ela respira soterrada na cova criada pela única pessoa que pode reinar ali, em solo esplêndido: a mãe, sendo este objeto a referência exclusiva à qual a filha é submetida, desde o início da vida, a fazer reverência.

A mãe fálica, para não abrir mão da sua ilusão de completude, desmente a própria castração por meio da sujeição da filha aos seus mandatos truculentos, inviabilizando os caminhos para a entrada de uma terceira pessoa, com quem ela contaria para constituir a criança gerada. O livro destaca que, quando este

terceiro tentar entrar e se aproximar da dupla fusionada, convencida da ideia filicida de que a filha é propriedade da sua pele, a mãe de captura sentiria a ameaça de roubo da “sua” filha. Este afastamento seria aniquilador para a sua sobrevivência, dado que a cria é o fruto que cumpre o papel de mantê-la estável emocionalmente, disfarçando assim o seu estado interno de fragmentação.

As leis dessa mãe-terra são criadas rigorosamente para atender aos seus desejos narcísicos, que, para gozo próprio, toma a filha como uma extensão do seu corpo. A filha, em sua condição passiva, é usada para tamponar as faltas e os furos da imago materna, prevenindo essa mãe onipotente de se angustiar com a possibilidade de ser abandonada e substituída por outras formas de identificação que novas pessoas podem ter a oferecer para a criança, futura adulta. Nas palavras da autora: “A mãe fálica rouba a voz de quem nasceu em estado de dependência e que seguirá assim para sempre, caso ela decida isso. E ela decide” (p. 172).

Ancorada na obra de Sigmund Freud, a escritora Ana Cláudia chama atenção para textos clássicos e de extrema importância para a escuta analítica das estreitas filiações de captura, estes sendo o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), onde é retratada a compreensão metapsicológica da constituição do aparelho psíquico freudiano; seguido de *Sobre o narcisismo, uma introdução* (1914), para pensar o risco do fascínio ao lugar de *eu ideal*; e, em seguida, o fundamental *Totem e tabu* (1913), em que a autora desdobra o mito em uma interpretação que me soou muito instigante: nos investimentos mortíferos entre mães e filhas, o pai da horda primeva não é o pai, mas a mãe.

Este eixo me parece ser a ideia central do seu texto, como introduzi mais cedo: a impossibilidade de entrar alguém que faça o corte nesta relação de dualidade, que não é de *duas*, é de *uma* só. Ou seja, fazendo referência ao pai tirânico do mito totêmico, a mãe ocuparia este lugar de governança e criação do mundo da filha, portanto, uma posição sem espaço para ser reivindicada. Já que ela criou o mundo para a sua progênita, a filha, cobrada com juros por todo o amor que recebeu, deve agora à mãe-fálica toda a sua existência.

Falamos então de uma filha que nasce *sem poder nascer* para se sonhar, de alguém que teve o seu mundo psíquico furtado da experiência de vir a ser, porque jamais foi compreendida na sua singularidade, enquanto estava sendo absorvida simbolicamente pela mãe. Ana Cláudia traz o conceito de *filicídio alienante* para definir essa relação em que a mãe nega a existência separada da filha, sequestra a sua individualidade e exige fidelidade (p. 162). O filicídio não seria realizado em ato propriamente dito, mas em uma espécie de assassinato psíquico, pelo caráter mortífero presente nas narrativas agressivas da mãe, carregadas de verbalizações hostis, com intimidações, mentiras, chantagens e manipulações contra a filha. Algumas vezes, acontecem até mesmo condutas de violação física, quando em determinada relação de captura a mãe se apossa do corpo da filha a ponto de transformar a imagem desta mulher conforme a sua semelhança através das vestimentas, dos hábitos, entre outras formas.

Uma pergunta que pode ecoar no leitor ao longo do contato com o livro é: “Este cárcere privado da filha há de ser eterno?” Tudo irá depender de que em algum momento aconteça um estranhamento para com a voz hipnotizante da mãe, e que o desconforto de viver encarcerada “fale mais alto”, superando parte da força mortífera da captura. Esta inquietação necessária pode ser protestada pela própria filha ou por alguém que perceba o sofrimento dessa menina-mulher.

## RESENHAS

Ana Cláudia, mais para o final da obra, apresenta capítulos clínicos com exemplos de pais que, mesmo destituídos da sua prole, afastados das filhas e tratados como “fumaça” pelas mães (ex-esposas), solicitam ajuda da analista quando testemunham que a filha está sendo privada do seu direito de liberdade, residindo no mundo como quem não criou vida, como se não tivesse forças suficientes para falar de si e fazer escolhas independentes. E não tem.

A psicanalista também apresenta vinhetas em que a própria filha capturada, quando saturada das brigas e desconfiada das solicitações sinistras da mãe, cria coragem para telefonar e marcar um horário para começar a falar sobre como é cansativo viver o envenenamento das intrusões maternas. Ana Cláudia, ao elucidar a sua implicação e experiência com a clínica das *Histórias de captura*, sustenta que o espaço de análise surge para estas filhas mulheres como ponte de abertura para uma travessia autônoma, onde, pela primeira vez, podem encontrar e conhecer a própria voz. Conhecer qual a tonalidade do que pensam sobre a mãe e, essencialmente, o que sentem que podem querer investir para si, agora deitadas no divã, em novo solo, entre as quatro paredes que as separam da mãe.

Para os casos em que há chances de estas filhas se encontrarem com a palavra, a tarefa será de fazer força para quebrar os muros dos silêncios criados pela mãe de captura, transformando os escombros em instâncias psíquicas que ofereçam sustentação para a constituição de uma pele própria. Trata-se então de um movimento análogo a dar-se à luz mais uma vez. Só que desta vez, este nascer de novo se tratará de uma criação sua, da sua própria força e resistência para nascer: um segundo parto, em que o ato de desejar é bem-vindo.

*Psicóloga, psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Integrante do coletivo Psicanálise na Praça, de Porto Alegre.  
E-mail: mistfirt@hotmail.com*